

# Economia Social e Pública

LUCCA SIMEONI PAVAN  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora  
Ano 2018

Lucca Simeoni Pavan  
(Organizador)

# **Economia Social e Pública**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E19	Economia social e pública [recurso eletrônico] / Organizador Lucca Simeoni Pavan. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-27-7 DOI 10.22533/at.ed.277180409  1. Cooperativismo – Brasil. 2. Economia social. I. Pavan, Lucca Simeoni.  CDD 334.0944
-----	---

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O estudo da economia tem como foco principal estudar as relações de eficiência da escolhas dos agentes. Este ramo da ciência trata da obtenção da melhor escolha por parte dos agentes econômicos dada as restrições que eles enfrentam. Em sua grande maioria, os estudos econômicos e, por sua vez, as decisões de políticas consequentes destes estudos, falham quando não levam em conta os impactos sociais de tais escolhas econômicas e como tais políticas transbordam para outros segmentos da sociedade que não foram vislumbrados no momento de formulação e aplicação de determinada política.

Estudos econômicos que coloquem ao centro questões sociais e públicas no conjunto de fatores influenciados por políticas e decisões econômicas são de fundamental importância na construção de uma sociedade próspera, justa e organizada. Por este fato, este livro compila excelentes estudos que abordam questões sociais e questões públicas conjuntamente com o ferramental propiciada pela ciência econômica. A ênfase principal dos artigos é tratar especificamente da economia solidária, e quais suas aplicação e interpretações de fenômenos econômicos esta metodologia proporciona e quais são suas contribuições para a interpretação das relações econômicas e sociais.

Nesta coletânea os estudos abordam as mais diferentes regiões do Brasil, tratando de questões regionais e da desigualdade econômica existente em nosso país. A localização é um fator destacado dentre os trabalhos contidos aqui. Por meio da Economia Solidária, estudou-se tanto a região urbana quanto a região rural, mostrando que a utilização da teoria da economia Solidária pode incorporar diversos aspectos da organização territorial. Outro aspecto relevante estudado são as questões econômicas e jurídicas referentes ao mercado de trabalho, que foram abordadas por meio das teorias Econômicas voltadas para as questões sociais e de interesse público.

Por fim, esta coletânea vem contribuir imensamente com o estudo da Economia Social e Pública, principalmente ao que se refere à questões de Economia Solidária e Arranjos ou Associações Produtivas. Sem dúvida o leitor terá em mãos excelentes referências para identificar temas de estudo, referências para pesquisas e autores identificados com o tema.

Lucca Simeoni Pavan  
Doutorando em economia pelo PPGDE/UFPR

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
SENTIDOS DO TRABALHO: UMA PERSPECTIVA DE TRABALHADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	
Gabriela Comissario Santos Susana Iglesias Webering	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>22</b>
EMPREENDEDORISMO SOCIAL: INTEGRANDO SOCIEDADE E ACADEMIA	
Roberto André Polezi Eduardo Avancci Dionisio	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>36</b>
TRAJETÓRIA DA COOPERATIVA DOS PRODUTORES DE OSTRAS DE CANANÉIA: TRADUÇÕES E RESILIÊNCIA	
Ingrid Cabral Machado Newton José Rodrigues da Silva	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>64</b>
O PAGAMENTO POR SERVIÇOS AMBIENTAIS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO	
Elenize Freitas Avelino Roberta Monique da Silva Santos	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>70</b>
CENTRAL DA AGRICULTURA FAMILIAR DE NATAL - RN NA PERCEPÇÃO DOS BENEFICIADOS: UM ESPAÇO DE INCLUSÃO FAMILIAR, SOLIDARIEDADE E SUSTENTABILIDADE?	
Rivânia Maria Pinto Rodrigues Gonzalez Canejo Erika Araújo da Cunha Pegado	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>79</b>
ASSOCIAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS ORGÂNICOS DE BOA VISTA – RR (HORTIVIDA): PLANTANDO E COLHENDO SOB A ÉTICA DA ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA.	
Dayana Machado Rocha Cleane da Silva Nascimento Márcia Teixeira Falcão Emerson Clayton Arantes	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>92</b>
MODELO TEÓRICO DE ORGANIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO COLETIVA DE ARTESANATO: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES ARTESÃS DA ÁREA RURAL DE MONGAGUÁ/SP <sup>1</sup>	
Newton José Rodrigues da Silva Marisa Vicente Catta-Preta Thais Maria Muraro Silva Mariany Martinez dos Santos	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>124</b>
LAVANDERIA 8 DE MARÇO, SANTOS/SP: UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DE MULHERES	
Márcia Silveira Farah Reis Newton José Rodrigues da Silva	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>159</b>
ECONOMIA SOCIAL SOLIDÁRIA COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS LOCAIS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, MANAUS, AMAZONAS	
Duarcides Ferreira Mariosa Luciana Melo Felix da Silva	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>168</b>
ANÁLISE DOS ASPECTOS JURÍDICOS, LEGAIS E TRIBUTÁRIOS DOS EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA	
Arlete Cândido Monteiro Vieira Roney Rezende Rangel	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>186</b>
QUADRO TEÓRICO DE APOIO À ATUAÇÃO DE EXTENSIONISTAS PARA O FORTALECIMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	
Newton José Rodrigues da Silva Abelardo Gonçalves Pinto Edna Ferreira Maddarena Lopez Olivier Mikolasek	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>222</b>

## ASSOCIAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS ORGÂNICOS DE BOA VISTA – RR (HORTIVIDA): PLANTANDO E COLHENDO SOB A ÉTICA DA ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA.

### **Dayana Machado Rocha**

Universidade Estadual de Roraima (UERR)  
Boa Vista - Roraima

### **Cleane da Silva Nascimento**

Universidade de Trás dos Montes e Alto Douro (UTAD)  
Boa Vista - Roraima

### **Márcia Teixeira Falcão**

Universidade Estadual de Roraima (UERR)  
Boa Vista - Roraima

### **Emerson Clayton Arantes**

Universidade Federal de Roraima (UFRR)  
Boa Vista - Roraima

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo promover a reflexão sobre a associação de hortifrutigranjeiros orgânicos de Boa Vista – RR (Hortivida), na disseminação da Economia Solidária no estado a partir do processo de incubação realizado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários (ITCPES/UFRR). A ITCPES/UFRR presta serviços de assessoramento e qualificação para empreendimentos solidários no Estado de Roraima. Para tanto, foi realizada um estudo de caso. Os resultados visam demonstrar como a Hortivida permanece fortalecida e com autonomia desde sua criação. Concluímos

que a mesma já exercia economia solidária antes de ser incubada, uma vez que respeita os princípios da Economia Solidária, sendo eles: autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza e comércio justo e solidário.

**PALAVRAS – CHAVES:** Economia solidária, agricultura orgânica e sustentabilidade.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários (ITCPES/UFRR) faz parte de um conjunto de ações nacionais voltadas à geração de trabalho e renda para população de baixo poder aquisitivo no âmbito da Economia Solidária. Sendo um programa de extensão vinculado a Pró-Reitoria de Extensão da UFRR, que objetiva: a incubagem, formação, assessoramento e acompanhamento dos núcleos de economia solidária, tendo por objetivo transferir tecnologia social. Tem como missão Construir Tecnologia Social com os Empreendimentos Econômicos e Solidários, visando à transformação da sociedade justa e igualitária.

Atualmente, incuba 05 (cinco) empreendimentos, sendo eles: Associação dos Agricultores Familiares do Polo I do Projeto de

Assentamento Nova Amazônia (AAFPPANA), Associação Agropecuária de Projeto de Assentamento Nova Amazônia (AASPANA), Associação Folclórica Feras do Amazonas, Associação dos Hortifrutigranjeiros Orgânicos de Boa Vista (HORTIVIDA) e Cooperativa de Empreendimentos Solidários do Município de Boa Vista (COOFEC'S). Estes estão situados na zona urbana e rural e são formados por pessoas de diversos graus de escolaridade. Fazem parte destes empreendimentos pessoas que buscam melhor qualidade de vida das famílias e encontraram dificuldades para entrar no mercado de trabalho. A partir da formação e assessoramento prestados pela ITCPES/UFRR os Empreendimentos de Economia Solidária - EES são ensinados a como se organizarem e ficarem aptos a acessar as políticas públicas.

A seguir serão apresentadas como ocorre o acesso e acompanhamento das políticas públicas acessadas pelos EES que recebem o acompanhamento da ITCPES/UFRR. A vigente pesquisa é também um estudo de caso com o empreendimento Hortivida, no qual, pretende-se demonstrar o histórico da associação, perfil socioeconômico dos associados e breve história de fundação da associação.

## 2 | ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO POLÍTICA PÚBLICA

A economia solidária surgiu com o intuito de enfraquecer o sistema capitalista promovendo as pessoas com um baixo poder econômico um melhor viver. A Economia Solidária surgiu no Brasil na década de 80 e se expande por diversas Organizações da sociedade civil (ONG's), igrejas, incubadoras universitárias e Fóruns de Economia Solidária.

Atualmente é uma estratégia de política pública e de desenvolvimento solidário, consolidada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva a partir da criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) foi criada no âmbito do Ministério do Trabalho e Emprego com a publicação da Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003 e instituída pelo Decreto nº 4.764, de 24 de junho de 2003, a partir de uma demanda dos movimentos sociais.

Por se tratar de uma entidade pública, a SENAES implementar as políticas públicas em parceria com as entidades que entendem e fomentam a economia solidária, como é o caso das ITCPs. Estas entidades são obrigatoriamente são selecionadas por chamada pública. No entanto, Singer destaca que os parceiros da sociedade civil são decisivos, uma vez que de nada adianta uma política bem desenhada, bem elaborada se não for bem executada (MENDONÇA, 2014).

A Economia Solidária é concebida como instrumento de reconhecimento de novos sujeitos sociais, a partir de uma forma de viver diferenciada, abrindo espaço para uma realidade diferenciada, que permite alternativas para os que são marginalizados (Santos, 2001). Diante da desigualdade social que o país enfrenta continuamente, a economia solidária surge não apenas pela sua importância diante de uma forma

diferente de viver, e de seu fomento tornar-se objetivo de políticas governamentais, mas também das diversas condicionantes de natureza global, macroeconômica e ideológica, numa visão ampliada, e de limitações e injunções ligadas a aspectos políticos, financeiros, orçamentários, numa visão mais próxima (MONTEIRO, 2009).

No entanto, é inegável as grandes lutas que ainda serão necessárias travar para o alcance deste objetivo, ainda que este esteja no cerne das discussões, visando a promoção do bem estar social e não o beneficiamento do sistema capitalista. Na economia solidária, a preocupação vai além da geração tão somente do trabalho e renda, visando também à ajuda mútua ao próximo, tendo isso como uma das saídas para enfrentar a desigualdade social. Para além disso, está fundamentalmente relacionadas a condições mais justas de produção, distribuição de ganhos e melhor condição de vida, os princípios de autogestão, cooperação, eficiência e viabilidade.

Segundo Gaiger (2003), os empreendimentos econômicos solidários compreendem diversas modalidades de organização econômica, originadas da livre associação de trabalhadores, incorporando indivíduos excluídos do mercado de trabalho que estão à procura de alternativas coletivas de sobrevivência. Apresentam-se sob a forma de grupos de produção, cooperativas, associações e empresas de autogestão. Combinam suas atividades econômicas com ações de cunho educativo e cultural, valorizando o sentido da comunidade de trabalho e o compromisso com a coletividade social em que se inserem.

Desse modo, percebe-se que o fortalecimento dos atores se dar a partir de uma articulação com o grupo, de forma a apresentar para estes indivíduos uma forma emancipatória, analisando as potencialidades dos sujeitos envolvidos. Para Singer (1998, p. 9) “a economia solidária é um projeto de organização sócio-econômica com princípios opostos ao do *laissez-faire*: em lugar da concorrência, a cooperação; em lugar da seleção darwiniana pelos mecanismos do mercado, a limitação – não a eliminação”.

Esta economia ainda não deixou de ser um desafio para o desenvolvimento local e para a sua solidificação, sendo necessário que haja transformação do processo educacional com base neste princípio, levando o interesse pela coletividade e a descrença do trabalho individual. As atuações em torno da autogestão, em particular na economia solidária carecem de políticas públicas incentivadoras e “isso não é assistencialismo como dizem os defensores da economia privada” e sim uma “outra economia” que aborda a participação de um conjunto de pessoas em prol da melhoria de vida de um grupo (GADOTTI, 2009).

### **3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia para realização deste trabalho consiste em pesquisa documental e estudo de caso. O trabalho é desenvolvido com um EES incubados pela ITCPES/

UFRR na cidade de Boa Vista – RR, o EES Hortívoda. A escolha da pesquisa documental se deu por entender que este é um método apropriado para a presente pesquisa, tendo em vista que este “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45).

A metodologia utilizada foi classificada como de pesquisa qualitativa, por meio de entrevista em profundidade. Para Ramalho (2011, p.102), entrevistas em profundidade “são caracterizadas como entrevistas realizadas de forma direta e pessoal, em que um único respondente é entrevistado individualmente, sendo objetivo do entrevistador, nesse tipo de entrevista, descobrir, entre outros, motivações, crenças e atitudes”.

As entrevistas ocorreram de forma individual, em horários preestabelecidos, de manhã e à tarde em seus respectivos locais de produção, no período de 2015. Sendo estruturadas em seis categorias: conversão; associação; produção; entraves; comercialização; reafirmação da escolha. Também foram feitas as observações nos locais e tomado notas para fins de pesquisa. As entrevistas foram realizadas com os 07 membros da associação Hortívoda, ocorreram em seus locais de produção, sendo esses, compostos por propriedades periurbanas (quintais de suas casas ou terrenos arrendados). Assim, buscou-se conhecer e apresentar por meio de fotos os modos de vida desses associados e a maneira como produzem os alimentos para a comercialização.

Para a coleta dos dados socioeconômicos utilizou-se do método de pesquisa survey em seu propósito descritivo. Conforme Pinsonneault & Kraemer (1993), o instrumento busca identificar quais situações, eventos, atitudes ou opiniões estão manifestos em uma população. Portanto, adaptou-se do modelo do questionário elaborado pela Embrapa (2007) para aplicação com os consumidores. Também se adaptou do questionário elaborado por Barbé (2009), contendo questões abertas e fechadas para aplicação com os produtores de orgânico do município de boa vista – RR.

#### **4 | LINHA DO TEMPO DA INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES E EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS – (ITCPES/UFRR)**

A ITCPES/UFRR nasceu em 2006, inicialmente sob a coordenação da Professora Marlene Grade, logo depois sob a coordenação da Professora Meire Joisy e atualmente coordenada por uma equipe de 07 (sete) professores da UFRR de diversos departamentos.

Em **2009** lançou o livro “*Mulheres Migrantes e Indígenas de Roraima*”, fruto do convenio com o Banco da Amazônia e Fundo de Financiamento da Amazônia – BASA.

No ano de **2010** em Parceria com a Universidade Federal do Pará/Região Norte executou o projeto Centro de Formação em Economia Solidária – CFES/NORTE com

a finalidade de implementar, fortalecer ações de formação em Economia Solidária para os EES e constituir uma rede de formadores, capacitando 366 (trezentas e sessenta e seis) pessoas em oficinas e cursos.

Em **2011** foi Parceira do projeto Petrobrás “Educação Sustentável, Sinérgica e Social (EDU<sub>3</sub>S) em Projetos de Assentamentos no Estado de Roraima.

No ano de 2012 deixa de ser apenas projeto e passa a ser um programa registrado na PRAE/UFRR no dia 1 de fevereiro de 2012 e convalidado pela resolução n. 04/2016 CEXT/CEPE.

Ainda neste ano acompanhou o processo de constituição e incubação da COOFEC'S voltada atividade de confecção de roupas e acessórios e continuou a execução do CFES/NORTE.

Em **2013** coordenou o Proext/2013/MEC, intitulado: Incubadora de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários da UFRR: promovendo a Sustentabilidade e a Cidadania. O projeto objetivou promover o desenvolvimento regional por meio do processo de formação, assessoramento, qualificação e mobilização dos empreendimentos solidários a partir da organização de grupos de mulheres, priorizando o processo de organização e inovação de unidades produtivas no município de Boa Vista, Estado de Roraima. Ainda neste ano, foi vencedora pela segunda vez e em segundo lugar do Prêmio Samuel Benchimol, na categoria Suporte ao desenvolvimento regional.

**No ano de 2014, 2015 e 2016** desenvolveu e coordenou 02 (dois) projetos financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sendo eles: Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC) e Núcleo de extensão em Desenvolvimento territorial (NEDET).

O **PRONINC é um** projeto de pesquisa que objetiva apoiar e fomentar as incubadoras universitárias e os institutos federais de educação, ciência e tecnologia (IFET) que desenvolvem processos de incubação de EES oferecendo-lhes apoio, assessoria, qualificação e assistência técnica, fundamentais para a criação e acompanhamento.

O **NEDET** executado pela **ITCPES/UFRR foi focado em 02 (dois)** territórios de Roraima, sendo eles: Território Rural de Identidade Norte de Roraima que compreende os municípios de Amajari, Boa Vista, Bonfime e Cantá e Território da Cidadania Terra Raposa Serra do Sol e São Marcos, composto pelos seguintes municípios: Normandia, Pacaraima e Uiramutã. Este projeto objetivou atender estes territórios por meio da extensão universitária, oferecendo-lhes assessoramento, acompanhamento e monitoramento das iniciativas de desenvolvimento nos Territórios.

Atualmente conta com uma equipe formada por 07 (sete) professores de diversos departamentos da UFRR, 03 acadêmicas bolsistas e 03 bolsistas instrutoras voluntárias. A ITCPE/UFRR tem buscado contribuir na melhoria das condições de vida das famílias que fazem parte da população extremamente pobre, rompendo o ciclo de reprodução da pobreza, utilizando dos princípios da economia solidária. As ações da

incubadora se concretizam por meio de atividades que envolvem grupos em situação social e econômica vulnerável, mediadas por princípios cooperativos, solidários na busca por constituir mecanismos para a melhoria de vida e inclusão social.

Assim, incuba<sup>1</sup> atualmente 05 (cinco) empreendimentos, sendo eles: AAFPPANA, AASPANA, Feras do Amazonas, HORTIVIDA e COOFEC´S. Objetiva dotar estes grupos das condições adequadas de sustentabilidade para seus empreendimentos e promover o fortalecimento e autonomia dos seus empreendimentos, garantindo o trabalho e renda para o sustento dessas famílias.

## **5 | LINHA DO TEMPO DA ASSOCIAÇÃO DOS HORTIFRUTIGRANJEIROS ORGÂNICOS DE BOA VISTA – RR (HORTIVIDA)**

Criada em 29 de julho de 2005 a Associação dos Hortifrutigranjeiros Orgânicos de Boa Vista – AHOBV, sendo essa, uma entidade sem fins lucrativos, de duração indeterminada com sede provisória na travessa Astério Bentes Pimentel, 230, Bairro jardim floresta 1 de Roraima, com o intuito de lutar pela expansão desta atividade orgânica em âmbito local, nacional e internacional. Assim, regida pelo Novo Código Civil Brasileiro, lei nº 10.406 de 22 de janeiro de 2002, de acordo com as demais leis vigentes do país e pelo próprio Estatuto social da associação dos hortifrutigranjeiros orgânicos de Boa Vista – AHOBV.

Associação de Hortifrutigranjeiros Orgânicos de Boa Vista – AHOBV, denominada Hortivida, é credenciada junto a uma Organização de Controle Social (OCS) do Estado, e inserida no cadastro nacional de orgânicos habilitada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento-MAPA, na qual pode efetuar venda direta ao consumidor orgânico.

De acordo com o MAPA (2016), a principal característica da produção orgânica é a não-utilização de agrotóxicos, adubos químicos ou substâncias sintéticas que agridam ao meio ambiente (usualmente utilizados em sistemas de produção não ecologicamente corretos). Para ser considerado orgânico, o processo produtivo contempla o uso do solo, da água, do ar e dos demais recursos naturais, respeitando as relações sociais e culturais.

Segundo Assis et al. (1998) e Penteado (2000), originariamente o termo orgânico advém de “organismo”, significando que todas as atividades da fazenda fazem parte de um corpo dinâmico, que envolve a planta, o solo e as condições climáticas, tendo como objetivo a produção de um alimento sadio, com características que atendam às expectativas do consumidor.

A associação é composta por um presidente, Francisco Canindé e os demais associados distribuídos em cinco homens e uma mulher. Por meio de suas atividades

---

1- É um método de acompanhamento dos EES, oferecendo subsídios, visando a organização desses EES.

periurbanas, cultivam espécies de origem vegetal como as hortaliças e legumes, frutas das mais variadas espécies e a criação de alguns animais como frangos, porcos, etc. O trabalho é feito no decorrer da semana e aos sábados e quartas-feiras, reúnem-se na Praça da Amoca e na avenida Capitão Júlio Bezerra (localizado próximo ao Supermercado Goiana), aonde comercializam sua produção ao ar livre.

O sistema de produção destes produtores nem sempre ocorreu sobre os preceitos do sistema orgânico, anterior a este sistema a maioria (exceto uma produtora) utilizava dos mecanismos oferecidos pelo sistema convencional. Atraídos para a mudança por questões adversas, bem como apontam os produtores, como problemas com a saúde por uso de agrotóxicos na produção e o desequilíbrio ambiental em que se encontravam suas propriedades por uso de tais insumos químicos.

Dessa forma, tais agricultores fizeram, por três anos, parte da primeira turma do curso de agricultura orgânica oferecido em parceria do SEBRAE, EMBRAPA, prefeitura e outros parceiros institucionais, onde puderam adquirir ensinar e trocar conhecimentos sobre o sistema de produção orgânico tanto na teoria como na prática. Ainda em seu primeiro ano de conversão, os resultados da produção orgânica foram medidos em R\$ 325.151,00, correspondendo em 4,5% menor em comparação com a atividade convencional exercida anteriormente (AGROECOLOGIA EM REDE, 2016).

Nesse projeto foram capacitados 22 produtores com cursos de produção orgânica; associativismo; como vender mais e melhor; processar minimamente hortaliças e visitas técnicas a feiras nacionais. Esse curso está em funcionamento desde então e visa à formação de agricultores em práticas alternativas de produção agrícola com base em uma agricultura sustentável.

No entanto, somente nove desses agricultores, capacitados na primeira turma do curso de agricultura orgânica, engajaram-se para a associação. O restante se dispersou e a grande maioria ainda trabalha com a agricultura convencional. Como é o caso de três ex-associados, que por questões adversas voltaram a operar com sistema convencional. Em 2012 uma agricultora orgânica, vinda do Rio de Janeiro, conhece a associação e resolve fazer parte da família Hortivida, aumentando o quadro para 07 associados desde então.

O EES Hortivida teve ainda em seu primeiro ano de conversão, resultados da produção orgânica, em média, de R\$ 325.151,00, correspondendo em 4,5% menor em comparação com a atividade convencional exercida anteriormente. No entanto, sabe-se que essa redução da receita não representa perda do lucro, uma vez que, o produtor passa a conhecer outras maneiras de utilizar os recursos de sua propriedade, diminuindo assim, custos com insumos externos.

Somente em 2014 o EES Hortivida passou a ser incubado pela ITCPES/UFRR, e passou a receber cursos de capacitação em economia solidária. Contudo, a mesma já consolidava os princípios da economia solidária - autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário - antes mesmo de ser capacitada (conforme os resultados das entrevistas apresentados

nos próximos tópicos), por terem sido capacitadas anteriormente pelo curso em agricultura orgânico, também baseado nesses princípios.

E principalmente pela preocupação que sempre tiveram em manter o grupo, com isso, realizaram mutirões e trocas de experiências semanalmente até que o grupo pudesse se manter consolidado. Desse modo, executaram um dos princípios da economia solidária: o princípio da solidariedade. A própria certificação obtida junto a um OCS os incentivam a terem maior preocupação com a ética da produção orgânica, e com isso, mantem-se o respeito a natureza, comercio justo e consumo solidário, outros vieses da economia solidaria, uma vez que, esta garantia é dada pela confiança do consumidor para com o agricultor orgânico, podendo este visitar as propriedades ou locais de produção, sempre que assim optarem.

## **6 | CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA ASSOCIADO DO EES HORTIVIDA**

Após as análises dos dados constatou-se que a maioria dos agricultores da associação é do sexo masculino contendo apenas uma associada do sexo feminino. E que destes, apenas um produtor é natural de Roraima, o restante, em sua maioria, pertencia a zona rural do seu estado de origem, assim migrando para o estado de Roraima em busca de novas oportunidades, conforme tabela abaixo.

Os agricultores orgânicos apresentam em média 49 anos de idade e vivem em suas propriedades Periurbanas. As famílias são compostas, em média, 03 filhos e 05 pessoas por família. Com relação à escolaridade, verificou-se que 05 possuem apenas o ensino fundamental incompleto, o restante possui ensino superior. Questionados a respeito da renda mensal da família, 05 responderam que a renda mensal fica na faixa de 03 a 05 salários, os outros 02 afirmam receber valor superior com a comercialização de sua produção orgânica.

Dentre os principais entraves para a produção orgânica, segundo os associados, destaca-se: a falta de mão-de-obra qualificada; falta de políticas públicas voltadas para o setor de orgânicos; e as dificuldades em conseguir financiamento que atendam às exigências da produção vigente.

## **7 | RESULTADOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ASSOCIADOS, DA HORTIVIDA, ACERCA DO SISTEMA DE PRODUÇÃO ORGÂNICO**

Todos os associados (exceto um) sempre atuaram no campo utilizando dos mecanismos convencionais, e assim, por meio do curso oferecido em 2005 pelo SEBRAE é que eles fizeram a transição da maneira convencional de se produzir para a orgânica. Essa mudança veio de uma série de problemas consequentes do sistema convencional, assim esses motivos podem ser vistos de acordo com essas 05 facetas:

problemas com o estabelecimento de produção em desequilíbrio; desejo de mudança; preocupação com a saúde e a natureza; responsabilidade social; satisfação pessoal.

“Porque é um produto limpo, não tem agrotóxico, melhor para a saúde. No passado cheguei a ficar intoxicado com os agrotóxicos”. GEODVAN

Indagados sobre a importância de fazer parte de uma associação reconhecida como orgânica os associados da Hortivida falaram que foi por meio da associação que o grupo fortaleceu nas práticas orgânicas, pois os mesmos tratam de realizar eventos, confraternizações para a promoção das trocas de ideias. Também citam a importância de se ter a associação justamente pelas diversidades locais, dificuldades climáticas. Assim, a mesma, ainda trata de compor indivíduos que venham para somar na produção e comercialização orgânica, como é o caso da associada Rossana, inserida na associação em 2012.

“A união que o grupo teve em celebrar uma associação, foi o que fortaleceu nas práticas orgânicas. Pois logo que nos organizamos, como associação, passamos a realizar muitos mutirões, onde uma vez por semana, todos se juntavam para realizar uma tarefa na propriedade do outro”. CANINDÉ

Dos 07 associados, 05 comercializam sob uma estrutura coletiva devido à falta de volume de produção; pelo reconhecimento de produto superior; contato com cliente; pela união em estar lado a lado com os demais associados, compartilhando conhecimentos. Contudo, para os que não comercializam, os principais motivos são: de demanda ainda insipiente, tendo esses que vender sua produção orgânica como produto convencional para restaurantes e assim garantir a venda por inteira de sua produção; seguido das atividades da produção não permitirem realização das atividades produtivas durante as 06 horas de operação das duas feiras, o que prejudica certas culturas como a alface, em que é necessário fazer a rega nesse intervalo de tempo.

“Faço minhas vendas ainda como convencional, uma parte do que eu produzo um associado leva para a feirinha, mas o restante eu vendo como convencional, sem o reconhecimento de produção orgânica, para restaurantes, mercearias. A feira tem a vantagem de poder vender por conta, e a fidelidade dos clientes que frequentam semanalmente a feira de orgânicos, mas ainda falta muita consciência da população em relação a qualidade. Se dependesse só da feira eu não ia me sobreviver aqui, por isso eu optei continuando a vender pelo preço convencional, mas produzido de maneira orgânica”. JOSÉ

Segundo os associados, existe demanda para seus produtos, e essa tem crescido, no entanto, a oferta diversificada não tem sido suficiente. A dificuldade em suprir essa demanda vem da escassez de mão de obra e da dificuldade da continuidade da produção familiar, visto que a maioria dos associados não possui o apoio dos filhos, e alguns deles não possuem cônjuge. Estando essa produção dependente de mão de obra terceira para a obtenção de maiores números de produção.

Contudo, os associados afirmaram ter dificuldades em encontrar mão de obra disponível. Para os associados, durante o período de alta produção, o mercado absorve

muito produto convencional por este está sendo ofertado em maiores números com preços bem inferiores ao produto orgânico. Assim, quando há escassez do produto convencional o seu preço eleva ao ponto do orgânico e então a procura pelo orgânico cresce a um ponto que a oferta não consegue suprir.

“As vendas oscilam de acordo com o mercado dos convencionais, quando é inverno e os produtores convencionais produzem menos, eu vendo mais. E quando é verão e o mercado convencional está a todo vapor, minhas vendas caem um pouco. Não é o clima que altera minhas vendas, mas a demanda dos clientes que por não serem abastecidos pelos convencionais, abri uma brecha para que os orgânicos tenham mais saída”. GEODVAN

Para os associados o lucro de uma produção orgânica é superior ao da produção convencional, pois apesar dos preços serem semelhantes aos convencionais (preços estabelecidos pelos associados da Hortivida), os gastos com insumos externos são bem inferiores, assim o seu ganho torna-se superior. Assim, os mesmos definem como necessário saber utilizar os recursos disponíveis, que ao longo do tempo a produção tornasse alto sustentável não utilizando mais de recursos externos, isso gera um outro aumento no lucro que passa a não ter mais gastos com insumos externos.

“Muito superior. Porque na agricultura orgânica, a gente chega uma época, que tu acaba fazendo economia. Eu mesmo tô fazendo economia por ano aqui de adubo químico, que de primeiro eu usava, que hoje eu não uso mais. Adubo químico, veneno, essas coisas tudo se chama economia para mim”. ANTÔNIO

Diferentes foram os argumentos que os mesmos usaram para justificar a opinião sobre a concorrência. Entende-se que não existe concorrente de produtos orgânicos, ainda que para alguns dos associados essa concorrência se der pelo produto convencional (tal concorrência só os atinge quando a safra é muito boa, o que reduz os preços dos convencionais a um passo que os clientes optam pela economia de tal escolha).

“Concorrência alta. A concorrência é dada pelo produto convencional, nós temos clientes fiéis que não trocam nossos produtos superiores pelo produto convencional, mas não são todos. Falta conscientização da sociedade para diminuir essa concorrência, para o aumento do consumo de alimentos orgânicos”. TANABI

“Não tem concorrência. Não tem produção orgânica, só tem produção convencional e eu não considero esse como concorrência por ser um produto inferior”. ROSSANA

Os preços são fixados de acordo com o preço do mercado ou avaliando o custo de produção. Entre os que avaliam o preço conforme o mercado, estão divididas as opiniões entre achar que dessa forma perde e achar que ganha. Alguns associados ao comparar os custos de produção com o de mão de obra e estipular uma porcentagem de lucro, conseguem ter certeza de que realmente estão lucrando, e ainda, conseguem comparar seu preço com o do mercado para identificar se o seu preço estar competitivo com o mesmo.

“A gente vai acompanho o mercado. Mas essa forma não é segura de trabalhar, o certo é fazer um controle, mas a gente não tem esse controle, não tem esse estudo organizado de quanto que ta consumindo tal coisa, daí pode ter prejuízo. A gente vai cobrando quando o cliente chia muito, a gente, abaixa o preço e assim a gente vai negociando”. ROSSANA

Segundo a opinião dos associados, a falta de visibilidade do sistema orgânico para a sociedade no geral que ainda é alheia com relação aos benefícios do alimento orgânico tanto para a saúde quanto para a manutenção da agrobiodiversidade, promoção social e cultural dos agricultores. Assim, desorientados, esses clientes não percebem as dificuldades do sistema optando por um produto mais barato, mas que internaliza para a sociedade e ao meio ambiente suas adversidades de produção.

“O maior problema que a gente tem é a questão da falta de visibilidade para a sociedade, do que representa um alimento sem veneno. Temos nossos clientes que são fiéis, mas os clientes que não tem conhecimento quando vem comprar com a gente, não valoriza nosso produto”. GEODVAN

“Se o governo fizesse um trabalho de conscientização nesse sentido, melhoraria muito. Já que o governo interfere e muito no avanço do sistema orgânico, são as burocracias que impõem ao agricultor de comprar os produtos que necessita. Por exemplo, eu importo organismos vivos, mas para que eles cheguem vivos já que são importados de outros estados, é apropriado que venham de avião, no entanto o governo vem proibindo esse canal. O que dificulta ou quase extermina a chegada desses organismos vivos”. CANINDÉ

## 8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Economia Solidária surgiu em busca de melhorar de forma alternativa a vida de diversas pessoas, uma vez que estas tomam a decisão de trabalhar em grupo acreditando nesse aspecto uma possibilidade para vencer os padrões do capitalismo, ainda que esta se desenvolva por meio deste, porém operando de forma coletiva e buscando alternativas baseadas em valores humanos, garantindo autonomia a grupos que decidem melhorar de vida por meio do trabalho solidário e das práticas sustentáveis.

Nesta perspectiva, as incubadoras possuem um papel fundamental no desenvolvimento desta economia, realizando por meio da pesquisa e projetos de extensão o assessoramento técnico, até que estes empreendimentos possam desenvolver melhor sua autonomia, levando e construindo juntos novos conhecimentos em busca de que os cooperados ou empreendedores despertem para um espírito mais solidário e cooperativo.

De acordo com os resultados da pesquisa realizado com o ESS Hortívoda, sendo essa fundada a partir do curso em agricultura orgânica oferecido, pela EMBRAPA em

2005, e incubada em 2014 pela ITCPES/UFRR.

A associação perpetua-se ao longo de mais de uma década por intermédio da união celebrada entre os associados e seus clientes fidelizados, que os acompanham desde o início. União essa que ocorreu por intermédio dos incentivos institucionais que apoiaram a fundação da associação dando visibilidade a mesma com divulgação intensa durante o período de instalação da mesma. No entanto, faltam apoios institucionais que intensifiquem, nesse sentido, mecanismos de forma que possam sensibilizar mais pessoas para que essas venham somar e aumentar nas práticas e no consumo orgânico.

De acordo com os resultados da pesquisa, conclui-se que a ESS estudada já exercia economia solidária antes de ser incubada, pois sempre atuou com os princípios da autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário, por terem sido capacitadas anteriormente pelo curso em agricultura orgânico, também baseado nesses princípios.

## REFERÊNCIAS

AGROECOLOGIA EM REDE. **Associação dos hortifrutigranjeiros orgânicos de boa vista – Hortivida**. Disponível em: <<http://www.agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=740>> Acesso em 06 mar. 2017.

ANDRADE L. M. S.; Bertoldy M. C. **Atitudes e motivações em relação ao consumo de alimentos orgânicos**. Belo Horizonte: MG, 2012.

ASSIS et al. Processo de conversão de sistemas de produção convencionais para sistemas de produção orgânicos. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.19, n.2, p.179-204, maio/ago. 2002.

BARBÉ, L. C. **Caracterização de consumidores e produtores dos produtos agroecológicos/orgânicos**. Campos dos Goytacazes – RJ, 2009.

BARBOSA, S. C. A. **O processo de construção da participação no Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável no município de Viçosa**, MG. 2007. 33 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) -Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa , Viçosa, MG, 2007.

BLAUTH, Guilherme. **De olho na vida: reflexões para um consumo ético**. Florinópolis: Instituto Harmonia da Terra, 2006.

CUPERSCHMID, N. R. M.; TAVARES, M. C. Atitudes em Relação ao Meio Ambiente e sua Influência no Processo de Compra de Alimentos. **RIMAR - Revista Interdisciplinar de Marketing**, v.1, n.3, p. 5-14, set./dez. 2002.

DAROLT, M. R. Agricultura Orgânica: Inventando o futuro. Londrina: Iapar, 2002. DIEHL, Astor Antônio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

EMBRAPA. **Perfil do Consumidor e do Consumo de Produtos Orgânicos no Rio Grande do Norte**. Aracaju: Sergipe, 2007.

GAIGER, Luiz Inácio. **In: Empreendimentos econômicos solidários**. A outra economia / Antonio

David Cattani (Org.). Porto Alegre: Veraz, 2003.

GIL, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4ª ed. São Paulo. **Editora Atlas**, 2002. 176 p.

JUNIOR, E. P. A. et al. **Aspectos relativos a saúde e ao meio ambiente ligados ao consumo de alimentos orgânicos**. Santa Maria: UFSM, 2012.

MENDONÇA, A. (2014a). **Mestre do Mundo: Paul Singer**. Várias entrevistas realizadas por Aline Mendonça dos Santos em abril de 2014. Projeto ALICE.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e abastecimento – MAPA. Produção de orgânicos. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimentosustentavel/organicos>> acesso em 15 mai. 2016.

PINSONNEAULT, A.; KRAEMER, K. L. **Survey research in management information systems: an assesment**. Journal Management Information System, 1993.

RAMALHO, A. D. S. **Análise do comportamento do consumidor e do produtor/ comercializador de hortifrutis orgânicos da região metropolitana de belo horizonte**. Dissertação de mestrado do curso de Administração da Universidade FUMEC. Belo Horizonte – MG, 2011.

SANTANDREU, A.; LOVO, I. C. Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção. Belo Horizonte, 2007.

SANTOS, B. S. Um Discurso sobre as Ciências. 12ª ed. Porto: **Edições Afrontamento**, 2001.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Hábitos de consumo. **Resultado completo da pesquisa “hábitos de consumo em BOA VISTA-RR”** - SEBRAE/RR - 2012.

SEYMOUR, D. A construção social do gosto. In: SLOAN, D. (Org.). **Gastronomia, restaurantes e comportamento do consumidor**. Barueri, SP: Manole, 2005.

SINGER, P. Reflexões sobre inflação, conflito distributivo e democracia. In: Reis, F. W. e O' Donnell, G. (org.). **A democracia no Brasil: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Vértice, 1988.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-27-7



9 788585 107277